

Ensaio bibliográfico: obras coletivas de história oral

Verena Alberti

Ao leitor familiarizado com as produções na área da história oral, chamam a atenção duas características básicas: de um lado, a profusão de textos metodológicos, tornando infundável a discussão sobre as especificidades da história oral, e, de outro, a enorme amplitude do campo, incluindo aí a diversidade de tendências. Com efeito, qualquer pessoa que queira entender um pouco de história oral não escapa às discussões de ordem teórico-metodológica e ao reconhecimento de que são várias as correntes e as possibilidades dentro daquele campo.

Talvez não haja nada melhor para expressar tais características “natas” da história oral do que as coletâneas de textos, que revelam a multiplicidade de tendências, de possibilidades e de concepções de um campo que vem se firmando cada vez mais dentro das ciências humanas.¹ Não é à toa, certamente, que entre as obras já

Verena Alberti, doutora em Teoria da Literatura pela Universidade de Siegen, Alemanha (1993), é pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, cujo Setor de História Oral atualmente coordena. Publicou *História oral: a experiência do CPDOC* (Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990).

¹ Com relação ao crescimento da história oral nas ciências humanas, não custa lembrar alguns dados empíricos. Em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), que conta hoje com mais de 60 filiados, entre instituições e pesquisadores individuais. Nos anos de 1994, 1995 e 1996, as reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) contaram com um grupo de trabalho intitulado “História oral e memória”, com a apresentação de cerca de 50 trabalhos. Em 1993, 1994 e 1996 foram realizados os três primeiros encontros nacionais de história oral, com um total de mais de quinhentos inscritos. No plano internacional merecem destaque, além da Associação Internacional de História Oral criada em 1996, os congressos internacionais que vêm sendo promovidos periodicamente desde 1978 (até 1966 foram realizados nove congressos), bem como as diversas revistas acadêmicas de história oral, especialmente as publicadas nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Espanha. Todos esses dados indicam uma produção regular e abundante em torno da história oral, além, é claro, de um público ávido em consumi-la.

“clássicas” de história oral encontrem-se tantas obras coletivas, como é o caso de *Las historias de vida en ciencias sociales*, organizado por Jorge Balán (1974), *Biography and Society*, organizado por Daniel Bertaux (1981), e dos números especiais das revistas *Annales* (1980), *Cahiers Internationaux de Sociologie* (1980), *Dados* (1984), *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (1986) e *Cahiers de l’Institut d’Histoire du Temps Présent* (1987).²

Este ensaio bibliográfico tem por objeto quatro obras coletivas de história oral publicadas no Brasil nos últimos três anos. Em ordem cronológica são elas: *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*, lançada durante o II Encontro Nacional de História Oral, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas, em abril de 1994; *História oral e multidisciplinaridade*, que reúne quatro palestras proferidas por ocasião daquele encontro, também publicada em 1994; *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*, lançada durante o III Encontro Nacional de História Oral, no Centro de Memória da UNICAMP em maio de 1996, e *Usos e abusos da história oral*, também publicada em 1996.³

Entre-vistas reúne sete artigos produzidos por pesquisadores do CPDOC-FGV, voltados, à exceção do artigo de Marieta de Moraes Ferreira, para a análise de algumas entrevistas do acervo daquela instituição. Segundo Marieta de Moraes Ferreira, a

²Ainda que não propriamente clássica, porque publicada em alemão e, por isso mesmo, pouco acessível à comunidade acadêmica internacional, vale citar também a coletânea de textos organizada por Lutz Niethammer (1980), com artigos de autores norte-americanos, ingleses, franceses, italianos e alemães, entre eles Ronald Grele, Paul Thompson, Daniel Bertaux e Luisa Passerini, que foi um marco na instituição do campo da história oral na Alemanha.

³Era minha intenção incorporar a este ensaio a coletânea de textos que reúne palestras e trabalhos apresentados durante o III Encontro Nacional de História Oral, realizado em Campinas em maio de 1996, mas até a conclusão deste artigo ela não havia sido publicada. A obra, intitulada *Os desafios contemporâneos da história oral*, contém textos de Ronald Grele, Henri Rousso, Alícia Bonfil, Gerusa Pires Ferreira, Janaína Amado e Monique

organizadora da coletânea, a intenção era justamente a de revelar possibilidades e limites das fontes orais enquanto documentos construídos. Os artigos foram todos escritos para integrar a coletânea.

Os textos publicados em *História oral e multidisciplinaridade* têm como autores profissionais de renome na área de história e ciências sociais, convidados a falar aos participantes do II Encontro Nacional de História Oral. Dois deles são transcrições das palestras e guardam, por isso, certa naturalidade da linguagem falada, e dois são reproduções dos textos escritos para a ocasião. Segundo a organizadora da coletânea, novamente Marieta de Moraes Ferreira, não foi possível incluir na obra as comunicações apresentadas nos grupos de trabalho.

Já *(Re)introduzindo* é resultado de uma seleção de trabalhos apresentados no I Encontro Regional de História Oral Sudeste-Sul, realizado na Universidade de São Paulo (USP) em abril de 1995. No total são 34 textos, além de duas conferências publicadas como anexos. José Carlos Sebe Bom Meihy, organizador da coletânea e do referido Encontro, explica, na introdução, que a seleção dos trabalhos visou “expressar as principais tendências das pesquisas de história oral feitas entre nós”. Além das comunicações de pesquisa expostas em grupos de trabalho, a publicação inclui palestras e conferências de mesas redondas proferidas por profissionais com maior projeção nas áreas de história e ciências sociais e no próprio campo da história oral.

Usos e abusos da história oral, finalmente, reúne 21 textos traduzidos para o português — todos eles, portanto, já publicados anteriormente em outra língua — de autores de diferentes nacionalidades, geralmente de renome, cujo conteúdo guarda

Augras, além de algumas comunicações de pesquisa. A publicação está a cargo do Setor de Publicações do Centro de Memória da UNICAMP e tem a coordenação de Olga de Moraes von Simson.

relação direta ou indireta com a história oral. Para as organizadoras da coletânea, Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, a publicação visa estreitar a distância entre “o vertiginoso crescimento da história oral” e “a minguada quantidade de livros e artigos sobre o tema disponíveis em português”. É claro que a seleção dos textos seguiu os parâmetros das organizadoras com respeito àquilo que seriam “textos importantes”, mas é inegável que a coletânea constitui contribuição significativa para o desenvolvimento da história oral no Brasil. Entre os critérios de escolha, destacam-se “a variedade de usos (...) — a *polifonia* — que caracteriza o campo da história oral no mundo hoje”, a ausência de uma unidade teórico-metodológica ou técnica, havendo artigos que expressam pontos de vista opostos, e finalmente o fato de muitos textos não terem originalmente nenhuma relação com a história oral, abordando contudo questões que, para as organizadoras, são essenciais para quem trabalha com história oral. Desnecessário notar que os textos reunidos nessa coletânea foram produzidos em ocasiões e com finalidades diversas.

Uma tipologia dos textos

Ainda que as quatro obras coletivas aqui consideradas tenham pontos de partida e finalidades específicos, é possível tomar os trabalhos nelas publicados como um grande conjunto composto de dois tipos de textos: aqueles mais voltados para questões teórico-metodológicas e aqueles que remetem mais claramente a estudos de caso. É claro que essa divisão não é excludente: os autores que discutem questões teórico-metodológicas muitas vezes recorrem a casos concretos, do mesmo modo que aqueles

que expõem o andamento e o resultado de suas pesquisas geralmente esclarecem seus fundamentos teórico-metodológicos.

É possível ainda identificar, ao lado desses dois tipos, um terceiro, que reúne os textos que tratam de questões adjacentes mas fundamentais à história oral e que não se caracterizam como sendo propriamente “de história oral”.

Entre os textos predominantemente voltados para questões teórico-metodológicas podemos distinguir três direções principais: aqueles que tratam da “história da história oral”, aquelas que se ocupam do estatuto da história oral, de suas possibilidades e limites, e aqueles que versam principalmente sobre “como fazer” história oral. Os artigos que compõem as quatro coletâneas aqui consideradas serão avaliados de acordo com a tipologia exposta acima.

a) História da história oral

Os textos que tratam da história da história oral constituem geralmente uma tentativa de definição desse vasto campo de variadas tendências através da seleção de diferentes momentos em que a história oral funcionou como opção viável dentro das ciências humanas. É uma forma de identificar o campo incorporando-lhe aquela polifonia que o caracteriza. Isso porque, evidentemente, a história oral que se praticava nos anos 1950 em determinada instituição é bastante diversa daquela praticada nos anos 1980 ou 1990 em outras instituições, e compreender essas diferenças é o primeiro passo no reconhecimento de que não é tarefa simples defini-la.

A maioria dos textos é unânime em traçar uma trajetória que vai da rejeição à gradual aceitação, pela academia, do uso da história oral. Também são registradas

diferenças nesse percurso, em função das diferentes disciplinas das ciências humanas. Dentro da história, a história oral teria encontrado as maiores resistências, enquanto que a sociologia e principalmente a antropologia já a teriam incorporado de longa data aos métodos de pesquisa.

Outra recorrência em textos que tratam da história da história oral é o destaque para fases ou instituições que teriam privilegiado membros das elites na formação de seus bancos de entrevistas, e outras fases ou instituições em que a história oral significaria “história democrática” ou “história dos vencidos”, em contraposição à história registrada pelas fontes escritas.

Há ainda textos que aliam à história da história oral uma espécie de balanço do que foi alcançado até o momento. Seus autores geralmente acreditam que o quadro atual, mais acadêmico, significou um progresso em relação ao passado.

Entre os textos voltados para a história da história oral e publicados nos quatro volumes de que trata este ensaio, merece destaque o de Michel Trebitsch publicado em *História oral e multidisciplinaridade*. Não hesitaria em apontá-lo como o mais importante produzido nos últimos anos, porque, ao mesmo tempo em que torna clara a polifonia do campo e em que traça com precisão uma trajetória que remonta aos anos 1950 em diversos países, Trebitsch coloca em xeque algumas genealogias míticas usualmente evocadas na reconstituição da história da história oral e, desse modo, torna claro como os próprios praticantes da história oral foram construindo a identidade de seu campo. O artigo de Trebitsch é um texto denso que merece ser lido por todos aqueles que não se contentam com trajetórias lineares e aparentemente cristalinas.

Como leitura complementar e igualmente eficiente pode-se recorrer ao texto de Philippe Joutard publicado em *Usos e abusos*. O autor trabalha com a idéia de quatro gerações de praticantes da história oral desde os anos 1950, relacionando, em cada uma delas, os objetos, os temas e as aplicações recorrentes. Essa abordagem tem a vantagem de arrumar um pouco aquilo que, no texto de Trebitsch, é necessariamente desarrumado, e por isso os dois textos podem ser usados de modo complementar.

Dois outros textos merecem destaque, porque traçam a história da história oral em duas disciplinas das ciências humanas: o de Marieta de Moraes Ferreira publicado em *Entre-vistas*, que trata da história da história oral dentro da história, e o de Maria Isaura Pereira de Queiroz publicado em *História oral e multidisciplinaridade*, que contempla a parte da sociologia. As duas leituras têm como saldo um maior conhecimento do que se passou na institucionalização da história oral enquanto método de pesquisa e, nesse sentido, são caminhos úteis para se chegar mais perto do que seja, afinal, a história oral.

Há toda uma série de textos voltada para a história da história oral no Brasil, destacando-se especialmente os de Marieta de Moraes Ferreira publicados em *História oral e multidisciplinaridade* (introdução) e em *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. Usando dados disponíveis no próprio CPDOC, uma das instituições pioneiras no emprego da metodologia de história oral no Brasil,⁴ e avaliando os trabalhos apresentados nos encontros nacionais de história oral, a autora reconstitui o processo de crescimento do campo da história oral no Brasil, apresentando inclusive um quadro das principais instituições que desenvolveram projetos de história oral desde 1975.

Três outros textos também tratam da história da história oral no Brasil: o de Déa Ribeiro Fenelon, o de Carlos Humberto P. Correa e o primeiro de José Carlos Sebe Bom Meihy, todos publicados na coletânea *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. O de Déa Fenelon é, na verdade, um comentário sobre quatro obras de história oral publicadas no Brasil em 1993 e 1994, mas a autora também faz um relato de seus contatos com a história oral, remetendo, por conseguinte, a momentos da história da história oral no Brasil. Já os textos de Sebe e Carlos Humberto Correa divergem entre si no que diz respeito aos primórdios da história oral no Brasil: enquanto Sebe avalia que, por força da ditadura militar, só era possível praticar uma história oral das elites, Carlos Humberto afirma que, na década de 1970, considerava-se que a história oral era terreno exclusivo para pesquisas com operários, agricultores e populações reprimidas, estando fora de cogitação as classes dirigentes, as classes médias, os políticos, o clero e os militares, e que somente os historiadores de esquerda viam futuro na história oral. Tal disparidade de interpretação é útil para nos fazer lembrar que recuperar a trajetória de um campo é também lidar com suas genealogias míticas.

Finalmente, quem ainda tiver interesse na história da história oral pode recorrer aos textos de Etienne François e de Ronald Grele, ambos publicados em *Usos e abusos*. Grele faz um balanço da história oral desde 1948 e o texto de François contém, além de reflexões sobre a história da história oral, uma avaliação sobre a história oral na Alemanha, universo geralmente pouco conhecido entre nós.

b) O estatuto da história oral

⁴ O material arquivado no CPDOC relativo aos primeiros passos da história oral no Brasil contém inclusive a ata de uma reunião realizada em julho de 1975 que visava a criação de uma associação de história oral no país. O

Os textos que identifiquei como voltados principalmente para o estatuto da história oral são aqueles que discutem suas especificidades e seus limites, inclusive em função das diferentes disciplinas das ciências humanas. Tais textos geralmente chamam a atenção para noções-chave como subjetividade, memória, produção intencional de fontes, relação indivíduo-sociedade, método qualitativo, oralidade, interdisciplinaridade etc. Alguns ainda ensaiam definições, apresentando novos conceitos, como “história oral de vida”, “relato oral de vida”, “depoimento oral” etc. Muitos se ocupam em discutir as potencialidades e os limites da história oral, partindo do correto pressuposto de que ela não é resposta para todo tipo de pergunta.

Entre os textos publicados nas quatro coletâneas que tratam desses assuntos merecem destaque, no meu entender, os de Henri Rousso e Julie Cruikshank, publicados em *Usos e abusos*, o de Aspásia Camargo, publicado em *História oral e multidisciplinaridade*, e o de Elina Pessanha, publicado em *(Re)introduzindo*.

Henri Rousso desenvolve uma discussão consistente sobre memória e identidade e sobre o advento de um campo de estudo fértil nas ciências humanas, a história da memória, no interior do qual a história oral é certamente instrumento privilegiado. Julie Cruikshank estabelece distinções importantes em torno do conceito de “tradição oral”, suas potencialidades e limites nas ciências humanas, e chama a atenção para o caráter contingente das narrativas orais. Em um terreno em que termos como “memória” e “tradição oral” sofrem constantemente de indefinições, os dois textos são bastante úteis para ajudar a colocar alguns pingos nos is, sem prejuízo da complexidade de tratamento que eles exigem.

O texto de Aspásia Camargo é um rico passeio pelas especificidades da história oral. O tom livre da palestra aliado ao conhecimento de causa da autora — que implantou o Setor de História Oral do CPDOC e, por isso mesmo, é uma das principais responsáveis pela constituição do campo no Brasil — permite exercícios de reflexão que vão desde reconhecer à história oral um caráter pós-moderno até estabelecer critérios que identifiquem um depoimento verdadeiro, sem que tais incursões ameacem a propriedade das idéias desenvolvidas. O texto se detém ainda sobre a trajetória do Setor de História Oral do CPDOC e as possibilidades de interpretação de seu acervo, bem como, por extensão, o papel da história oral no estudo da história política.

Elina Pessanha, finalmente, estabelece distinções importantes com relação ao uso de depoimentos orais em três disciplinas das ciências humanas — a história, a sociologia e a antropologia —, com base no exame de três trabalhos produzidos em cada uma dessas áreas. A autora deixa claro que as fronteiras disciplinares são importantes e devem ser reconhecidas para que se possa efetivamente estabelecer um diálogo e uma cooperação interdisciplinares. Na mesma linha de reflexão, isto é, procurando estabelecer as especificidades da história oral em função das disciplinas em que é empregada, pode ser consultado o artigo de Maria de Lourdes Mônico Janotti, também publicado na coletânea *(Re)introduzindo*, que identifica, em três textos apresentados no I Encontro Regional, diferenças decorrentes das disciplinas de origem dos autores.⁵

⁵ Os três textos avaliados por Janotti na qualidade de debatedora são os de José Carlos Sebe Bom Meihy, de Alice Beatriz da Silva G. Lang e de Antônio Torres Montenegro & Antônio Jorge Siqueira, apresentados na mesa redonda “História oral: procedimentos e possibilidades”. O último texto, entretanto, não está disponível na coletânea, o que impede que se acompanhe integralmente a discussão proposta por Janotti.

Outros textos podem ser úteis para o leitor que pretende familiarizar-se com as produções de história oral e com os termos e definições comumente empregados nesse campo. O de Mercedes Vilanova, publicado em *História oral e multidisciplinaridade*, é interessante na defesa de um “casamento perfeito” entre a estatística e a fonte oral, além de conter imagens sugestivas de questões como a subjetividade, a história de vida enquanto dupla biografia e a relação de entrevista. Além dele, podem ser consultados, entre os estrangeiros, os de Jorge Eduardo A. Lozano, Jean-Jacques Becker, Danièle Voldman e Alistair Thomson *et al.*, todos publicados na coletânea *Usos e abusos*. Do lado brasileiro, todos publicados em *(Re)introduzindo*, estão o já citado de Carlos Humberto P. Correa, o segundo de José Carlos Sebe Bom Meihy, o de Alice Beatriz da Silva Gordo Lang e o de Dante Marcelo Gallian, que, aliás, introduz a categoria *entrevistando* aplicada ao entrevistado sem contudo explicar sua preferência.

c) Como fazer história oral

Os textos que se referem ao “como fazer” da história oral, nos moldes dos muitos manuais publicados a partir de meados dos anos 70 em todo o mundo, versam, em geral, sobre a realização e o tratamento de entrevistas. Entre os artigos publicados nos quatro livros aqui examinados, há cinco que se ocupam especialmente dessas questões. Em *(Re)introduzindo*, encontram-se o de Olga Rodrigues de Moraes von Simson, particularmente voltado para a relação de entrevista; o de André Castanheira Gattaz, sobre a passagem da entrevista da forma oral para a escrita e o procedimento chamado de “textualização legitimada”, e a conferência de José Carlos Costa Netto, sobre direitos de autor em narrativas de história oral. Os outros três estão em *Usos e*

abusos: os dois artigos de Danièle Voldman, sobre a situação de entrevista e os tipos de testemunhas, contendo ainda uma diferenciação entre a história oral praticada por historiadores e aquela praticada por arquivistas, e o artigo de Chantal de Toutier-Bonazzi, sobre como entrevistar e processar entrevistas.

d) Estudos de caso

Os textos que discutem o andamento e/ou os resultados de pesquisas específicas são maioria entre o conjunto de artigos aqui considerado. Através deles é possível identificar com maior precisão as reais possibilidades da história oral: os temas que podem ser pesquisados e as análises que podem ser empreendidas tendo como base as fontes orais. Temas como imigração, memória, história política, gênero, relações de trabalho, categorias profissionais e história de instituições são alguns dos que aparecem nos textos consultados, revelando uma parte da gama de possibilidades da história oral, que certamente não se esgota aí.

Por outro lado, é claro que o tema, tomado isoladamente, não é suficiente para dar conta do potencial da história oral. Tudo depende de como são tratados os dados produzidos em seu estudo — que, no caso da história oral, são as fontes orais. Uma boa análise de entrevistas é tão fundamental quanto um bom texto de questões metodológicas, e talvez seja até mais rentável quando os dois — uma boa análise e um bom problema teórico-metodológico — coexistem em um mesmo texto. Um exemplo

perfeito dessa combinação, do meu ponto de vista, é o texto de Alessandro Portelli publicado em *Usos e abusos*. Estudo de caso que permite evidenciar as potencialidades da história oral no estudo da interação entre os fatos e suas representações, o texto de Portelli merece ser lido como demonstração prática daquilo que, no texto de Rousso, aparece como potencial da história oral no campo da história da memória. Ambos os textos se complementam e são igualmente densos e consistentes.⁶

Entre os textos que apresentam e discutem estudos de caso em história oral, aqueles publicados em *Entre-vistas* foram produzidos justamente com essa intenção: a de refletir sobre o potencial de análise da história oral através de casos concretos. Os artigos de Alzira Alves de Abreu e de Maria Celina Soares D'Araújo são, em certa medida, complementares do ponto de vista temático, porque tratam, respectivamente, da trajetória dos militantes de esquerda durante a ditadura militar e da avaliação dos próprios militares sobre o tempo em que ficaram no poder. Cada um deles discute o conteúdo de um conjunto de entrevistas realizadas pelas autoras e chama a atenção para aquilo que aquelas entrevistas trazem de novo para o estudo de nosso passado recente. O artigo de José Luciano de Mattos Dias relaciona as potencialidades do uso da história oral no estudo de organizações e instituições estatais. Já os textos de Ignez Cordeiro de Farias, de Marly Silva da Motta e meu próprio apresentam possibilidades de interpretação de entrevistas específicas do acervo do CPDOC, dentro dos campos da história política e econômica do Brasil.⁷

⁶ É claro que a eles acrescentam-se obrigatoriamente os já clássicos artigos de Michael Pollak sobre a memória, publicados na revista *Estudos Históricos* (1989 e 1992), que, no entanto, não fazem parte do universo de textos objeto deste ensaio.

⁷ A coletânea *Entre-vistas* é uma das quatro obras de história oral avaliadas por Déa Fenelon em seu artigo publicado em *(Re)introduzindo*.

A maioria dos estudos de caso encontrados nas quatro obras coletivas aqui consideradas foi publicada no livro *(Re)introduzindo*, constituindo principalmente comunicações de pesquisa apresentadas nos grupos de trabalho do I Encontro Regional de História Oral Sudeste-Sul. São um total de 23 textos, alguns dos quais merecem destaque justamente pelo tratamento dado às fontes orais.

O texto de Maria Cristina S. de Souza Campos é uma análise de orientação sociológica de relatos orais de mulheres idosas que viveram em São Paulo na primeira metade do século XX e vem acompanhado de reflexões sobre a metodologia empregada. Alcides Fernando Gussi estuda descendentes de imigrantes norte-americanos radicados em duas cidades paulistas e investiga a importância da conduta econômica desse grupo de formação protestante para a construção de sua memória e sua identidade. O artigo escrito em conjunto por Zeila de Brito Fabri Demartini *et al.* tem por objeto relatos orais de imigrantes japoneses e seus descendentes que viveram em São Paulo e em Campinas entre 1908 e 1950. Alguma novidade para os que estão acostumados com as produções de história oral oferece o artigo de Sara Teresa Perez Moraes, sobre uma pesquisa sobre memória em pessoas idosas com base principalmente em bibliografia de língua inglesa do campo da psicologia. Segundo a autora, seu estudo mostra que entrevistas de história oral têm aplicabilidade na pesquisa cognitiva da memória.⁸

Maurides Batista de Macedo Oliveira estuda os garimpos de diamante do rio Araguaia entre os anos de 1920 e 1950, especialmente a formação da cidade de Balisa. E no universo dos trabalhadores, cabe mencionar o texto de Diana Gonçalves Vidal

sobre a história das relações de produção de uma fábrica de piano fundada em Curitiba na primeira metade do século XX, que também vem acompanhada de uma discussão sobre o emprego da metodologia de história oral e a relação com os depoentes. A autora assume a postura salutar de não reificar os depoimentos dos operários, que são, segundo ela, tão seletivos e tendenciosos quanto qualquer outro depoimento.⁹

Para os leitores que querem acompanhar o desenvolvimento da história oral no Brasil são interessantes as comunicações que dão conta de projetos institucionais. Este é o caso dos artigos de Ana Beatriz de Sá Almeida *et al.*, sobre o estudo da geração de sanitaristas dos anos 1920, desenvolvido no Departamento de Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz, e de Tânia Fernandes, sobre os seis projetos de pesquisa que utilizam a metodologia de história oral desenvolvidos na mesma instituição, bem como de Ana Yara Paulino sobre uma pesquisa sobre a questão de gênero patrocinada pela organização não-governamental Reconstrução-Educação.¹⁰ Fazem parte desse conjunto ainda os textos de Hugo Antônio Avelar e Sílvia Barata de Paula Brito sobre o projeto “Memória política de Minas Gerais”, desenvolvido pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais, e o projeto desenvolvido no Arquivo Histórico Judaico-Brasileiro, sobre a memória dos imigrantes judeus radicados em São Paulo, apresentado por Gaby Becker *et al.*¹¹

⁸ Tema semelhante, ainda que com orientação bastante diferente, é tratado por Gabriele Rosenthal, em artigo publicado na coletânea *Usos e abusos*, onde discute a construção autobiográfica e os relatos de vida coerentemente organizados.

⁹ Ainda com relação aos trabalhadores, Dulce Maria Pamplona Guimarães *et al.* estudam as formas de fé e de lazer entre operários das indústrias de calçados da cidade de Franca; o texto de Olga Cabrera Garcia e Eliesse Scaramal versa sobre relatos orais entre lavradores de Goiás, e o de Marina Evaristo Wenceslau trata dos índios Kayowá e da prática de suicídio.

¹⁰ Outro artigo que aborda a questão de gênero é o de Andrea Paula dos Santos, sobre seis entrevistas com mulheres pobres da periferia de Guarujá que se reuniram na Associação de Mulheres Carolina Maria de Jesus.

¹¹ Para complementar esse último tema, pode-se ler o texto de Maria Luiza Tucci Carneiro, também sobre imigração judaica, e a conferência de Itzhak Arad sobre como sobreviveu à Segunda Guerra Mundial. Movimentos migratórios é ainda assunto do texto de Cristina de Lourdes Pellegrino Feres, que tenta estabelecer

No que diz respeito à história política, a análise de Marly Silva da Motta de uma entrevista de Carlos Lacerda realizada em 1977 chama a atenção para a importância, para o estudo das elites políticas e de suas decisões, de fontes marcadas pela seletividade da memória e pela construção da identidade voltada para usos futuros. Ignez Cordeiro de Farias destaca, através da análise de uma entrevista, a importância da política para os militares, tanto dentro da corporação quanto no que diz respeito às posições tomadas frente a acontecimentos da história política do Brasil. Carlos Frederico Correa da Costa trata de tema correlato, apresentando a versão “transcrita” de uma entrevista com um coronel da reserva.

Outros artigos ainda mencionam pesquisas específicas, como os já citados de Olga de Moraes von Simson e de Alice Beatriz Lang, mas nesses casos considereii mais relevantes suas considerações de ordem metodológica.¹²

e) Questões adjacentes importantes

Um último conjunto de textos a ser apreciado neste ensaio é aquele que não diz respeito diretamente à história oral, mas ainda assim trata de questões fundamentais em relação a ela: biografia, geração, história do tempo presente, linguagem oral etc. A maioria desses textos encontra-se na coletânea *Usos e abusos*, o que, aliás, se explica pela própria concepção das organizadoras: a história oral é, segundo elas, uma

diferenças metodológicas com outras pesquisas que utilizam a tomada de depoimentos no estudo da imigração italiana; do artigo de Celia Lucena, sobre a memória familiar de um grupo de migrantes mineiros instalados em São Paulo desde a década de 1960, atentando especialmente para as diferenças determinadas pela geração e pelo sexo dos depoentes, e do texto de João Carlos de Souza sobre expectativas de migrantes de origem rural numa cidade como São Paulo.

¹² O artigo de Olga von Simson remete a pesquisas sobre o carnaval paulistano, sobre imigrantes alemães em Campinas e sobre dois bairros da mesma cidade. O de Alice Beatriz Lang discute relatos de vida de mulheres paulistas de camada favorecida [ECONOMICAMENTE PRIVILEGIADAS, DE CLASSES ALTAS?] e sua memória de fatos políticos.

metodologia de pesquisa e, como tal, não se basta a si mesma do ponto de vista teórico-metodológico, devendo encontrar suas bases teóricas em uma literatura mais ampla produzida dentro das ciências humanas.

Por essa via explica-se a grande quantidade de textos sobre a história do tempo presente, que, quando mencionam a história oral, o fazem apenas *en passant*. São eles os artigos de René Rémond, Luisa Passerini, Roger Chartier e François Bédarida, o primeiro e o último bastante marcados pelo símbolo institucional desse novo campo da história, o Institut d'Histoire du Temps Présent. O texto de Roger Chartier é, a meu ver, o mais denso e rentável. Nele, o autor discute as diferenças no exercício da história do tempo presente e da história moderna e demonstra duas revelações fundamentais feitas pelo campo da história do tempo presente que incidiram inclusive sobre todas as outras histórias: a invenção do grande tema das representações do passado, da história da memória, e a diferença fundamental entre história e ficção.

Com relação aos usos da biografia no estudo da história e das ciências sociais, a coletânea inclui dois textos clássicos: o de Giovanni Levi, sobre as potencialidades e os limites da biografia no estudo de grupos sociais, e o de Pierre Bourdieu, indispensável porque chama a atenção para os riscos de se tomar a unidade do eu como coisa dada, contrapondo à ilusão de uma identidade coerente e linear a idéia da fragmentação do eu.

Ainda em *Usos e abusos*, o texto de Jean-François Sirinelli discute o emprego da noção de geração como elemento de periodização na história e o de Italo Calvino, de leitura muito agradável, problematiza a generalização da linguagem escrita em nossas sociedades e discute o ato de escrever e o ato da leitura.

Com relação a esse último ponto, isto é, as complicadas relações entre linguagem escrita e linguagem oral, o texto já citado de Mercedes Vilanova é bastante instigante, na medida em que coloca em xeque a norma da alfabetização, chamando a atenção para a parcialidade da escrita e a forma de ser do analfabeto.¹³

Últimas considerações

Os artigos apreciados neste ensaio não esgotam evidentemente as possibilidades da história oral e o escopo de temas e questões a ela relacionadas. Eles têm a vantagem, contudo, pelo próprio fato de integrarem coletâneas “polifônicas”, de cobrir um leque bastante variado de problemas e abordagens. Através deles é possível constatar que a história oral é um campo de trabalho e uma metodologia que tem uma história e algumas genealogias míticas; que ela se caracteriza pela interdisciplinaridade e pelas muitas possibilidades de emprego, desde a história política, passando pela história dos movimentos sociais, pela história de trabalhadores, de instituições, até a história da memória, por exemplo; que ela se insere no campo da história do tempo presente; que está intimamente ligada às noções de biografia e história de vida; que a fonte oral tem especificidades que a diferenciam de outras fontes históricas, e assim por diante. O importante é que o leitor tome conhecimento das diversas implicações inerentes ao campo da história oral, e nesse sentido as quatro obras coletivas aqui examinadas constituem certamente uma contribuição significativa.

¹³ Aliás, o já citado artigo de Carlos Humberto P. Correa, publicado em *(Re)introduzindo*, também remete à questão da alfabetização no contexto da oposição entre documento oral e escrito.

Referências Bibliográficas

Actes de la Recherche en Sciences Sociales. s.l., n. 62/63, juin 1986: número consagrado a estudos sobre o método biográfico.

Annales. Economies, Sociétés, Civilisations. Paris, 35(1), jan/fev 1980; parte intitulada “Archives orales: une autre histoire?”.

BALÁN, Jorge et al. *Las historias de vida en ciencias sociales: teoría y técnica*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1974.

BERTAUX, Daniel (ed.). *Biography and Society: the Life History Approach in the Social Sciences*. California, Sage Publications Inc., International Sociological Association, 1981.

Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Présent. n. 4, 1987: “Questions à l’histoire orale”.

Cahiers Internationaux de Sociologie. Numéro spécial: Histoires de vie et vie sociale. Paris, PUF, v. 69, juil/dec. 1980.

Dados - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Ed. Campus, v. 27, n. 1, 1984: “História oral e história de vida”.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

_____ (org.), *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, Diadorim/Finep, 1994.

_____ & Janaína Amado (coord.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.) *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo, USP, Xamã, 1996.

NIETHAMMER, Lutz (org.) *Lebenserfahrung und kollektives Gedächtnis. Die Praxis der "Oral History"*. Frankfurt a.M., Syndikat, 1980.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio", *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

_____ "Memória e identidade social", *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.5, n.10, 1992, p. 200-215.